

Jornalismo, literatura e a poesia dos dias

Madalena Oliveira¹

O jornalismo é desde sempre uma das atividades de impacto social mais debatidas e escrutinadas, sendo nisso equiparável talvez apenas à política. Nele se manifesta com grande visibilidade pública a força performativa da palavra. Daí que, por razões essencialmente éticas, o discurso jornalístico seja hoje um dos mais expostos à crítica, inclusive no âmbito daquilo que, noutros estudos, chamámos de metajornalismo (OLIVEIRA, 2010). Longe de ser uma atividade meramente ‘descritiva’ da realidade e tendo, ao invés, sobre ela um efeito constitutivo, o jornalismo não é uma prática inócua. Pelo fato de se dedicar ao presente, e cada vez mais à antecipação dos acontecimentos, o jornalismo não é apenas o registo neutro da história. Não obstante os princípios de objetividade e imparcialidade que se defendem como valores universais desta prática, a verdade é que o jornalismo e os jornalistas são agentes da própria história, o que significa que agem sobre ela, se mais não for, pelo simples facto de a procurarem registar sem distanciamento temporal.

¹ **Madalena Oliveira** é professora auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Doutorou-se em Ciências da Comunicação em 2007. Ensina nas áreas de Semiótica e Jornalismo Radiofónico e tem desenvolvido trabalho de investigação sobre cultura sonora e visual. É investigadora principal do projeto “Estação NET: moldar a rádio para ambiente web” e coordenadora do grupo de trabalho Rádio e Média Sonoros da Sopcom, Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. É, desde 2012, vice-chair da secção de Estudos de Rádio da ECREA. É também diretora-adjunta do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

É esta consciência do jornalismo como ação que está na base das representações sociais desta classe e na origem de uma imagem genericamente desfavorecida que é muito anterior aos movimentos pela profissionalização dos jornalistas que se iniciam já em pleno século XX. Com o desenvolvimento dos chamados *communication studies*, a partir dos anos 1930 e 1940, aumenta consideravelmente a exposição do trabalho jornalístico à análise pública, graças nomeadamente ao investimento de académicos no estudo dos efeitos da notícia e dos critérios de noticiabilidade. No entanto, a reputação duvidosa dos jornalistas não nasce propriamente com o início da pesquisa científica nesta área. Ela é contemporânea do convívio que estes profissionais sempre mantiveram com escritores e pensadores, remontando, por isso, aos séculos XVII e XVIII.

Narrativas de palavra, o jornalismo e a literatura são atividades relativamente próximas. Em parte, ambas se dedicam a contar histórias. Mas há entre elas a maior de todas as distâncias, a do tempo. Se à literatura convém a eternidade, o jornalismo dá-se na urgência dos dias que passam. É talvez por isso, por uma certa desafinação de natureza, que a imagem do jornalismo e dos jornalistas é, nos escritos literários, a imagem de uma atividade com pouco prestígio e escassa notoriedade. Neste capítulo revisitamos alguns registos que ilustram as tensões vividas entre jornalistas e homens de letras e refletimos sobre o modo como alguns escritores se referiram àquilo que comumente designaram de 'literatura de segunda categoria'.

Subliteratura ou o avesso da arte?

O poeta português Fernando Pessoa reconhecia, em *Ideias Estéticas – da Literatura*², que todas as artes são uma futilidade perante a literatura. Embora não seja, por definição, uma arte equivalente a “todas as artes”, o jornalismo goza, de alguma maneira, deste estatuto de produção frívola, às vezes desonesta e quase sempre desprestigiada. É assim que uma certa literatura europeia, tanto de pendor romântico como realista, guarda a memória dos primeiros jornais da história e daqueles que foram criando, pela experiência, uma técnica narrativa apta a dar conta do que passa. Em romances, escritos avulsos, crônicas ou peças de teatro, a figura do jornalista aparece quase sempre como a de artista amador, ou de uma espécie de prosador sem poesia.

Para o músico francês Claude Debussy, a arte seria a mais bela das mentiras, da mesma maneira que para o ator italiano Ettore Petrolini a arte estaria no deformar³. Deste ponto de vista, nada há, ou deveria haver, de artístico na narração jornalística e pouco se justificaria, por isso, o desdém que muitos escritores manifestaram nos primeiros dois séculos de difusão de jornais relativamente aos jornalistas. Desde então duas características principais distinguem o jornalismo da atividade artística: o compromisso com a verdade e o desapego relativamente às preocupações com o belo. Nenhuma pretensão artística haverá, portanto, na fundação do jornalismo, ainda que, por vezes, o registo da atualidade se possa fazer com elaboração estética (como acontece especialmente em trabalhos de reportagem).

A história das representações do jornalismo e dos jornalistas na literatura está, porém, marcada por ditos pouco favoráveis. Ao analisar o modo como o sociólogo Pierre Bourdieu caracterizou

2 Publicadas em Pessoa, Fernando. *Obra Poética e em Prosa*. Porto, Lello & Irmão, 1986.

3 Estas definições são referidas por Lionello Venturi no livro *História da Crítica de Arte*, Lisboa, Edições 70, 1998.

estes profissionais, Daniel Schneidermann considera que é “um triste retrato dos jornalistas” (1999, p. 79) aquele que encontramos nas teses bourdesianas. Para Schneidermann, que procura refutar as críticas contemporâneas ao jornalismo, os jornalistas constituem uma corporação vítima de um “verdadeiro linchamento mediático”. Com igual indignação poderia o autor também comentar as percepções descritas por vários intelectuais e homens de letras, pelo menos até ao início do século XX. Conheçemo-las de obras literárias e também de anotações de livros sobre a história da imprensa e do jornalismo.

Em *Histoire de la presse*, por exemplo, contam Pierre Albert e François Terrou que, para as elites sociais e intelectuais dos séculos XVII e XVIII, a imprensa representava genericamente uma “subliteratura sem valor nem prestígio” (1970, p. 15). A este propósito, lembram os autores que, para Rousseau, o jornal era uma “obra efémera sem prestígio e sem utilidade cuja leitura, negligenciada e desprezada pelas pessoas letradas, não serve senão para dar vaidade sem instrução às mulheres e aos tolos” (1970, p. 15). Explicam Albert e Terrou que estas terão sido as palavras dirigidas, em 1755, por Rousseau a um amigo de Genebra que teria acabado de lançar um jornal. Pouco “regozijado” com a iniciativa, Rousseau terá ainda lamentado «ver homens feitos para construir monumentos contentarem-se em transportes de materiais, e arquitetos transformados em pedreiros», numa metáfora que pretenderia apenas lamentar o facto de homens de letras se resignarem aos escritos de jornal.

Na convicção de que a imprensa nunca alcançaria a nobreza do livro refletido, como anota Jean-Noël Jeanneney, alguns dos mais reconhecidos filósofos do século XVIII, como Diderot e Montesquieu, terão desenvolvido uma relação de hostilidade para com os então chamados ‘gazeteiros’. Segundo relata Jeanneney, Diderot, por exemplo, constataria ter-se descoberto ser “mais fácil escrever sobre um bom livro do que escrever uma boa linha e muitos espíritos estéreis voltaram-se para esse lado” (Jeanneney, 1996, p. 40). Para ele, os jornais

seriam, na verdade, “o recurso dos que querem falar e julgar sem ler, o flagelo e o desprezo do que trabalham”. Só Voltaire se distinguiria deste coro generalizado dos intelectuais franceses, ao escrever, em 1765, *Conselhos a um Jornalista*, um conjunto de cartas e outros escritos em que defende um ideal de jornalista-humanista, tudo aquilo que, para ele, não era o jornalista francês Fréron, tão avesso aos filósofos⁴.

Para Balzac, por outro lado, o jornalista é um “degenerado vendedor de palavras” (1998). Apesar de ter escrito ele próprio assiduamente nos jornais, Balzac é um dos que sustentaram a suposição da inferioridade do jornalismo relativamente à literatura. Ele desprezava os que renunciavam à grandeza de uma obra em favor das pequenas vaidades imediatas exibidas nas páginas dos periódicos, que ele chamava de “jornaizinhos”. Numa *monografia da imprensa parisiense*, escrita originariamente em 1843, entretanto publicada num livro intitulado *Les Journalistes* (1998), Balzac criticava com dureza a vaidade dos jornalistas, a inconsistência dos seus julgamentos e o poder em sua opinião abusivo que estes profissionais exerciam junto dos governos. À semelhança de outros filósofos e literatos do seu tempo, também Balzac era um colaborador relativamente assíduo de periódicos. No entanto, parecia ser um inconformado com os “interesses rasteiros dos jornais” (Balzac, 1998) e aquilo que chamava de rotina medíocre das redações. Como Karl Kraus, a quem dedicamos mais adiante uma parte deste capítulo, também Balzac ensaiava sobre uma teoria instrumentalista do jornalismo, ao supor que a imprensa estaria sempre atrelada a valores político-econômicos que a manipulam. Daí que toda a sua reflexão sobre o jornalismo seja, no fundo, uma interrogação sobre a verdade do relato jornalístico. É com ironia que o sugere nas palavras finais de *Les Journalistes*: “A imprensa, como a

4 Conta-se que, da longa batalha que travou contra Jean Fréron, Voltaire terá composto o seguinte verso: “No outro dia, ao canto de um pequeno vale / Uma serpente mordeu Jean Fréron. / Sabe o que aconteceu? / A serpente morreu...” (JEANNENEY, 1996, p. 41).

mulher, é admirável e sublime quando avança uma mentira. Ela não vos larga enquanto não vos forçar a acreditar nela e desdobra-se nas maiores qualidades nesta luta em que o público, tão besta quanto um marido, sucumbe sempre” (1998, p. 142-143).

Manifestando pela imprensa um grande desprezo, Baudelaire, por seu lado, considerava que os jornais se enchiam de sinais da perversidade humana. Tecidos de horrores, os periódicos seriam então “uma embriaguez de atrocidade universal”. É por isso que, para Baudelaire, não se compreenderia como uma mão pura pudesse “tocar um jornal sem uma convulsão de asco” (in *Diário Íntimo*). Curiosamente, como outros, também de Baudelaire são conhecidos inúmeros escritos jornalísticos. Na apresentação do livro *Baudelaire journaliste*, refere-se que ele “foi um escritor-jornalista muito ativo, que publicou muito e de maneira continuada, pelo menos a partir de 1851” (VAILANT, 2011, p. 9).

Como assinalaremos adiante, é na corrupção da verdade que encontramos uma das razões por que os jornalistas não angariaram simpatias nos círculos intelectuais de grandes cidades como Paris. Não obstante, é também numa tentativa de desvalorização da imprensa enquanto produto literário que se centram as observações críticas anotadas no período de afirmação do jornalismo como atividade de relato do quotidiano. É, portanto, insistindo no carácter anti-literário da escrita jornalística que se cultiva um certo desamor histórico ao jornalismo que o acompanha desde a emergência dos primeiros jornais até à fase da profissionalização dos jornalistas. Só nesse momento se inicia realmente a solução para dois problemas fundamentais associados ao estatuto do jornalista e do jornalismo. Por um lado, o da conduta e da ética das práticas profissionais, graças ao aparecimento, na primeira metade do século XX, de códigos de ética e deontologia. Por outro, o da confirmação do jornalismo como um ofício vocacionado para a informação, com obrigações para com a objetividade e o rigor, avesso, portanto, aos propósitos artísticos da criação livre.

Da dramaturgia à caricatura dos jornalistas

Para além dos escritos avulsos conhecidos de muitos escritores e intelectuais, também algumas obras, nomeadamente de género dramático, refletem o retrato satírico dos jornalistas aos olhos dos escritores. Benjamin Jonson (1572-1637), um dramaturgo inglês contemporâneo de Shakespeare, é talvez um dos primeiros a criar peças de teatro inspiradas na realidade noticiosa emergente do início do século XVII. Em *News from the world*, uma pantomina teatral escrita em 1620 para ser representada na Corte inglesa, produz uma sátira à sociedade capitalista que começa a constituir-se. Em *The Staple of News*, criada seis anos depois, em 1626, faz sobretudo uma crítica aos incipientes jornais de negócios do século XVII. Inspirando em parte os escritos de Kraus, Ben Jonson acreditava que “a prática jornalística era uma causa perdida se nela procurássemos a verdade objetiva” (BERRY, 2008, p. 80).

É, porém, na dramaturgia de expressão alemã que encontramos duas das obras mais emblemáticas neste domínio, graças nomeadamente às personagens Schmock e Fliederbusch, criadas respetivamente por Gustav Freytag (1816-1895) e por Arthur Schnitzler (1862-1931). A primeira aparece numa obra de 1854, intitulada *Die Journalisten*, onde Freytag constrói uma caricatura dos jornalistas para expressar a sua repugnância por aquilo que poderia chamar-se um “jornalismo-camaleão”. Schmock é, nesta peça escrita em quatro atos, um jornalista que diz conseguir escrever à esquerda e à direita, conforme determinam as conveniências. «Aprendi a escrever para todas as tendências. (...) Sei escrever segundo não importa qual inclinação» (Freytag, 1988, p. 46), diz a dado passo, Schmock que se torna assim no símbolo da mentalidade deste jornalismo de metamorfoses, sem convicções, sem princípios e sem escrúpulos.

Narrador de acontecimentos, Schmock é, na peça de Freytag, a personificação dos defeitos do jornalista. Nele se resumem todas as

caraterísticas que tornam o jornalista detestável aos olhos dos literatos. Em diálogos com outras personagens da peça, Schmock vai revelando os traços do seu caráter, tornando explícita a falta de princípios com que por vezes tem que atuar. Mas se o papel que cumpre nesta obra é a de uma figura profissionalmente execrável, a imagem que fica dele é também a de uma vítima do sistema e das circunstâncias, na medida em que experimenta o jornalismo entre o ideal de um trabalho independente e a realidade dos contextos de produção, bem distante da aspiração ao princípio da independência. Por esta dupla condição, Schmock torna-se numa espécie de jornalista protótipo, cujo nome viria a derivar noutros vocábulos da língua alemão com conotação depreciativa como “Schmockerei”, “Schmocktum”, “schmocktisch”, “verschmockt” e “Verschmocktheit”, usados por exemplo, por Karl Kraus, a quem nos referiremos particularmente nos próximos parágrafos.

Não superando no conjunto da obra de Freytag o sucesso de *Soll und Haben*, a peça *Die Journalisten* distingue-se pela abordagem crítica do jornalismo político do século XIX, sendo ao mesmo tempo um retrato dos representantes da imprensa diária da época e uma sátira aos métodos dos políticos e dos chefes de partido. A obra circulou amplamente pela Alemanha e notabilizou-se pela vulgarização do termo ‘Schmock’ cujo significado haveria de vingar até hoje como equivalente a ‘jornalista sem escrúpulos’.

Em 1917, apercebendo-se da importância que os meios de comunicação de massa poderiam vir a ter, é o escritor austríaco Arthur Schnitzler que escreve uma peça no essencial semelhante à de Freytag. Em *Fink und Fliederbusch*⁵, Fliederbusch é um jovem repórter parlamentar, apto a escrever duas opiniões contraditórias sobre um mesmo assunto num diário e num semanário. Jornalista do jornal *Die Gegenwart*, Fliederbusch torna-se, na peça, também jornalista do *Die*

5 Encenada em português, por Jorge Lavelli, a peça de Arthur Schnitzler esteve em palco no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa, em Dezembro de 1994, sob o título “O Jornalismo antes dos mass media”.

elegante Welt, onde escreve com a assinatura Fink. Fink e Fliederbusch acabam ironicamente por se contradizer, defendendo um uma ideia e outro contrariando-a, embora sejam no fundo a mesma personagem. Retratando, pois, a relação de rivalidade entre dois jornalistas que são na verdade a mesma pessoa, Schnitzler dá corpo à ideia de que o profissional da informação, como o político, é um ator volúvel.

Numa densa sátira à rivalidade entre os jornais, Schnitzler retrata os jornalistas como um grupo de “mercenários sem escrúpulos”, capazes de forjar a opinião pública e deformar a realidade, pelo que a informação poderia ter contornos de desinformação. Descrevendo a decadência da burguesia vista por dentro de uma redação, Schnitzler exprime em *Fink und Fliederbusch* a consciência de que o próprio jornalismo constituiria um contributo para a ruína do social. À semelhança de *Die Journalisten*, *Fink und Fliederbusch* é uma sátira simultânea ao jornalismo e à política. Nesta obra, o autor critica essencialmente a ausência de um princípio de informação inerente às atividades políticas. Negativo relativamente ao jornalismo e à política, na medida em que ambas as atividades requerem a manipulação da linguagem e a formação da opinião pública, Schnitzler manifesta-se nesta peça contra a falta de convicções e a facilidade com que jornalistas e políticos parecem mudar de opinião.

Karl Kraus, ‘Die Fackel’ e o princípio da autocrítica

Conhecido como “o anti-jornalista” (REITTER, 2008), o ensaísta e dramaturgo Karl Kraus é, muito provavelmente, o expoente máximo do intelectual insatisfeito com a imprensa. Autor dos mais duros escritos sobre o jornalismo e os jornalistas, que se confundem permanentemente com a sua oposição total ao capitalismo, Kraus investiu a maior parte da sua vida profissional ao serviço da crítica cultural e política. Fonte de todos os males, a sociedade capitalista era, para ele, inimiga da verdade e da consistência dos juízos críticos. E a

imprensa seria, neste contexto, a face visível das perversidades político-económicas, exprimindo a hipocrisia, a corrupção e a decadência das sociedades.

Obcecado por aquilo que, no seu entendimento, transformava a imprensa na maior prostituta de Viena, Kraus denunciou a invasão dos jornais pela publicidade, a sua dependência relativamente aos poderes económico e financeiro e a concentração e a construção de verdadeiros impérios de jornalismo que ameaçariam o pluralismo e a liberdade de imprensa. Num contexto em que a imprensa generalizadamente se desenvolve e num momento em que, por exemplo, em França a tiragem de jornais diários passa, na segunda metade do século XIX, de 150 mil exemplares (1852) para um milhão (1870) (ALBERT & TERROU, 1970, p. 45), Kraus temia que os jornalistas pudessem adquirir um poder desmesurado sobre o mundo da cultura e sobre o mundo em geral. Contemporâneo do desenvolvimento da imprensa popular de grande tiragem, que floresce entre 1871 e 1914, o escritor austríaco manifestar-se-ia completamente desencantado com a imprensa que, na sua opinião, estaria exclusivamente ao serviço dos imperativos de mercado. Para Kraus, «longe de servir de maneira desinteressada os ideais universais de onde se reclama, a imprensa propõe e reserva os seus favores àqueles que têm meios de os pagar e os pagam efetivamente» (BOUVERESSE, 2001, p. 33).

Com absoluta aversão ao liberalismo económico e à dominação da economia sobre a vida social, manifestada em toda a sua obra literária, Kraus consideraria que a independência económica e financeira seria, em matéria de imprensa, a condição *sine qua non* da independência moral e intelectual. Muito cético relativamente à seriedade dos jornalistas, o ensaísta julgava estes profissionais mais discretos e menos determinados quando confrontados com relações de dependência económica do que relativamente à censura exercida pelo poder político. Daí que a sujeição às exigências universais do mercado fosse uma violência à liberdade de expressão, fazendo dos jornais a

causa da “automutilação do espírito humano” (KRAUS, 2000, p. 186).

Não obstante o rótulo de anti-jornalista, Karl Kraus escolheu escrever sempre em registo periódico. Foi proprietário, editor e, depois de dispensar algumas colaborações, redator único da *Die Fackel*, a revista que elegeu como suporte da sua expressão crítica. É nas páginas desta publicação que encontramos hoje um dos maiores repertórios de artigos contra o jornalismo e o liberalismo. Durante 37 anos (de 1899 a 1936, ou seja, até ao fim da sua vida), Kraus editou 922 números da revista, num total de cerca de 30 mil páginas que registam o seu forte inconformismo relativamente à decadência dos valores e das instituições austríacas. Exercendo com *Die Fackel* uma espécie de jornalismo solitário, Karl Kraus antecipou o que Gilbert Keith Chesterton, um influente escritor inglês, faria entre 1925 e 1936 com a publicação do *G.K.'s Weekly*, ou o que o jornalista americano Izzy Feinstein Stone desencadeou, entre 1952 e 1971, com uma espécie de *newsletter* política intitulada *IF Stone's Weekly*.

Ao considerar a literatura como o único refúgio que pudesse ainda subsistir num mundo em perdição, Kraus colocou-se ao lado de escritores que tomaram os jornais como publicações cheias de “narrativas de bagatelas”, especialmente perigosas devido ao poder desmedido que a imprensa tinha conquistado. Sugeria o ensaísta que ela tinha a capacidade de transformar “emoções e paixões moderadas em histeria e folia, (...) o orgulho nacional em delírio nacionalista e em xenofobia e (...) o medo em pânico” (BOUVERESSE, 2001, p. 51). É esta perceção relativamente à força das palavras que o aproxima de filósofos da linguagem como Wittgenstein. Ambos eram extremamente sensíveis à manipulação da linguagem e à performatividade das palavras, se bem que, em Kraus, esta preocupação esteja contaminada pela ideia segundo a qual a imprensa seria um instrumento ao serviço de interesses mais privados do que públicos. Reprovando a degradação da linguagem, o autor da *Die Fackel* denunciou veemente o facto de a linguagem jornalística se constituir como base das mistificações e

perversões do homem dito moderno.

De matriz literária, a escrita de Kraus configura um género de condenação que Jacques Bouveresse classificou como “definitiva, impiedosa e radical”. Em *Cette Grande Époque*, pergunta ironicamente se a imprensa é um mensageiro. E em tom fatalista constata: “Não, ela é o acontecimento! Um discurso? Não, a vida!” (KRAUS, 2000, p. 182). Sabendo que o jornal não informa sobre um conteúdo, mas que é ele próprio um conteúdo e um excitador, Kraus tinha também um forte desapontamento relativamente ao efeito do jornalismo sobre a cultura e sobre o espírito. Para ele, a imaginação do jornalista era o pior sucedâneo para a nossa própria imaginação. É, aliás, “contra a nossa vida que ele [o jornalista] atenta com as suas mentiras” (KRAUS, 2000, p. 190).

Atento aos “factos miúdos, diversos, da vida quotidiana, judicial, literária, que desenham a seus olhos o retrato de uma sociedade com as suas imperfeições e os seus vícios”, como reconheceria Yves Kobry na apresentação que abre o livro *La Littérature Démolée* (1993, p. 36), Kraus teria inclusive a ideia entristecida de que não são os jornais que são a expressão da vida, mas a própria vida é que seria a expressão destes jornais (KRAUS, 2000, p. 185). Nocivo para o pensamento e responsável pela falta de imaginação, o jornalismo seria também, segundo Kraus, responsável «pela cegueira, pela passividade e pelo conformismo» (BOUVERESSE, 2001, p. 87). A mesma cegueira e surdez que permite ainda, segundo ele, que a imprensa continue a existir e se tenha tornado sinónimo de impunidade e de irresponsabilidade. Em todos os seus escritos transparece um temor à habilidade perigosa da imprensa para «transformar não somente a insignificância objetiva em importância reconhecida por todo o mundo» e a própria mentira em verdade (BOUVERESSE, 2001, p. 52). Daí que, para Kraus, aquilo a que deveríamos aspirar como uma espécie de felicidade inspirada é a um mundo sem imprensa.

Os jornalistas no quotidiano de Eça de Queirós

O escritor Eça de Queirós é, em Portugal, talvez o melhor equivalente de alguns dos intelectuais citados anteriormente. Embora referindo-se ao jornalismo, num texto publicado no *Distrito de Évora*, como uma nobre atividade que consiste em ir lá e voltar para contar aos outros, não raras vezes a denúncia da decadência da sociedade portuguesa passou também por reflexões sobre o papel e o desempenho dos jornalistas. Desde logo na sua obra primaz, *Os Maias*, onde João da Ega desabafa para Carlos da Maia: “Estes burros destes jornalistas! São a escória da sociedade!”

É certo que é quase impossível distinguir o Eça escritor do Eça que foi também jornalista. O jornalismo e a literatura confundem-se na obra do escritor. O jornal serviu-lhe de veículo para escritos mais literários, tendo-lhe oferecido em contrapartida uma sensibilidade mais realista para os episódios da vida quotidiana, de que tratou em vários romances. Os escritos queirosianos têm a marca de personalidade de um jornalista: são detalhistas, exercendo ao melhor nível a estética do pormenor, e são analíticos, usando da mais elaborada, ainda que simples, linguagem argumentativa.

Apesar de, do ponto de vista do estilo de narrativa, Eça de Queirós condizer bem com o espírito jornalístico, a sua obra mais literária não esconde um sentido crítico relativamente à imprensa da sua época. Demonstrou-o em vários escritos, sobretudo ao jeito epistolográfico. Em *Cartas de Paris*, por exemplo, observa que “incontestavelmente foi a imprensa, com a sua maneira superficial e leviana de tudo julgar e decidir, que mais concorreu para dar ao nosso tempo o funesto e já irradicável hábito dos juízos ligeiros”. A ideia segundo a qual os jornalistas seriam mestres de “improvisação imprudente” é recorrente nas observações de Eça. Em *A correspondência de Fradique Mendes*, refere-se ao jornal como “uma massa espumante de juízos ligeiros, improvisados na véspera, à meia-noite, entre o silvar do gás e o fervilhar

das chalaças, por excelentes rapazes que rompem pela redação, agarram uma tira de papel, e, sem tirar o chapéu, decidem com dois rabiscos da pena sobre as coisas da Terra e do Céu”.

Para além da ligeireza de pensamento, o jornal seria, do ponto de vista do romancista, “um fole incansável que assopra a vaidade humana”. Lastimando os males que assombam a civilização da viragem para o século XX, Queirós reconhece que “a forma nova da vaidade para o civilizado consiste em ter o seu rico nome impresso no jornal, a sua rica pessoa comentada no jornal!” Com ironia, proclama: “Vir no jornal! Eis hoje a impaciente aspiração e a recompensa suprema!” E com sarcasmo, constata: “para aparecerem no jornal, há assassinos que assassinam”. É nesta intensa correspondência entre Fradique Mendes e Bento S., que Eça pronuncia a sua afirmação mais cáustica: “todo o jornal”, diz, “destila intolerância, como um alambique destila álcool, e cada manhã a multidão se envenena aos goles com esse veneno capcioso”.

Apesar de ter mantido um certo distanciamento crítico relativamente ao jornalismo, Eça não terá desenvolvido pela imprensa sentimentos tão odiosos como alguns dos seus contemporâneos. Para o escritor, não existia incompatibilidade entre o jornalismo e a literatura, nem nunca sugeriu haver uma prioridade da literatura por relação ao jornalismo. Tendo pré-publicado em jornais, sob a forma de folhetins, alguns dos seus mais emblemáticos escritos literários, pode dizer-se que, para Eça de Queirós, o jornalismo terá funcionado como um laboratório do realismo que exerceu em romances como *A cidade e as serras*, *O crime do Padre Amaro* ou *Os Maias*.

Atividade ferida pela escrita dos dias, o que quer dizer, ferida pela ligeireza dos relatos de acontecimentos, pela falta de recuo e de distanciamento crítico, o jornalismo não se confunde com os mistérios de sentido trilhados na literatura. Mas há nele a poesia dos dias, essa poesia que só rima na palavra nervosa e impulsiva e que escapa, como demonstram as sentenças recortadas neste capítulo, à compreensão de romancistas, ficcionistas e ‘compositores de figuras de estilo’.

Referências

ALBERT, Pierre e TERROU, François. **Histoire de la presse**. Paris, Presses Universitaires de France, 1970.

BALZAC, Honoré de. **Les journalistes – monographie de la presse parisienne**. Paris, Éditions Arlea, 1998.

BERRY, David. **Journalism, Ethics and Society**. London, Ashgate, 2008.

BOUVERESSE, Jacques. **Schmock ou le triomphe du journalisme. La grande bataille de Karl Kraus**. Paris, Seuil, 2001.

FREYTAG, Gustav. **Die Journalisten**. Stuttgart, Reclam, 1988.

JEANNENEY, Jean-Noël. **Uma história da comunicação social**. Lisboa, Terramar, 1996.

KRAUS, Karl. **Cette grande époque**. Paris, Éditions Payot & Rivages, 2000.

OLIVEIRA, Madalena. **Metajornalismo: quando o jornalismo é sujeito do próprio discurso**. Coimbra: Grácio Editor, 2010.

REITTER, Paul. **The Anti-Journalist. Karl Kraus and Jewish self-fashioning in fin-de-siècle Europe**. Chicago, The University of Chicago Press, 2008.

SCHNEIDERMAN, Daniel. **Du journalisme après Bourdieu**. Paris, Fayard, 1999.

VAILANT, Alain. **Baudelaire Journaliste. Articles et chroniques**. Paris, GF Flammarion, 2011.